



**CENTRO UNIVERSITÁRIO DE EXCELÊNCIA
CURSOS DE GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM E PSICOLOGIA
UNIDADE DE ENSINO DE VITÓRIA DA CONQUISTA**

**MARIANA DA ANUNCIAÇÃO ROCHA RIBEIRO
MICHELE BEZERRA FÉLIX BARRETO**

**ESTRESSE OCUPACIONAL EM PROFISSIONAIS DE ENFERMAGEM QUE
ATUAM NO SETOR DE URGÊNCIA E EMERGÊNCIA**

**VITÓRIA DA CONQUISTA - BA
2023**

**CENTRO UNIVERSITÁRIO DE EXCELÊNCIA
CURSOS DE GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM E PSICOLOGIA
UNIDADE DE ENSINO DE VITÓRIA DA CONQUISTA**

**MARIANA DA ANUNCIAÇÃO ROCHA RIBEIRO
MICHELE BEZERRA FÉLIX BARRETO**

**ESTRESSE OCUPACIONAL EM PROFISSIONAIS DE ENFERMAGEM QUE
ATUAM NO SETOR DE URGÊNCIA E EMERGÊNCIA**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado aos cursos de graduação -
Centro Universitário de Excelência, Unidade
Vitória da Conquista, como requisito para
obtenção do título de bacharelado em
psicologia e enfermagem

Orientador: Prof. Me. Gênesis Guimarães
Soares

VITÓRIA DA CONQUISTA - BA

2023



**CENTRO UNIVERSITÁRIO DE EXCELÊNCIA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM E PSICOLOGIA
UNIDADE DE ENSINO DE VITÓRIA DA CONQUISTA**

FOLHA DE APROVAÇÃO

**MARIANA DA ANUNCIAÇÃO ROCHA RIBEIRO
MICHELE BEZERRA FÉLIX BARRETO**

**ESTRESSE OCUPACIONAL EM PROFISSIONAIS DE ENFERMAGEM QUE
ATUAM NO SETOR DE URGÊNCIA E EMERGÊNCIA**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado aos cursos de graduação -
Centro Universitário de Excelência, Unidade
Vitória da Conquista, como requisito para
obtenção do título de bacharelado em
psicologia e enfermagem

Orientador: Prof. Me. Gênesis Guimarães
Soares

Aprovado em: de de 2023.

Banca Examinadora

Prof. Me. Gênesis Guimarães Soares - Orientador

Profa. Esp. Flávia Alves do Rosário

Enf. Esp. Pablo Ian Gonçalves Nery

RIBEIRO, M. DA A. R. R.; BARRETO, M. B. F. Estresse ocupacional em profissionais de enfermagem que atuam no setor de urgência e emergência.

2023. 20 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Enfermagem e Psicologia) – Centro Universitário de Excelência, Vitória da Conquista, 2023.

RESUMO

Introdução: Responsável por desencadear no indivíduo um desequilíbrio, tanto de ordem física e/ou psicológica, o estresse é hoje um dos problemas que mais afeta a população em todo o mundo, segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS). Quando relacionado ao trabalho, é possível caracterizá-lo como estresse ocupacional. Os profissionais de enfermagem que se apresentam como um das maiores classes trabalhadoras podem estar consequentemente propensos a desenvolver esse tipo de estresse. **Objetivo:** Analisar a prevalência do estresse ocupacional entre os profissionais de enfermagem que atuam nos serviços de urgência e emergência da Bahia. **Metodologia:** Realizou-se uma pesquisa de campo, do tipo descritivo, tendo como formas de abordagens o quesito quantitativo e estudo do tipo transversal e conta com um formulário para o levantamento das informações. **Resultados e discussão:** Estudo caracterizado por: 28 enfermeiros e 23 técnicos de enfermagem, totalizando 51 participantes. Desses, 33 (64,7%) são do sexo feminino e 18 (35,3%) do sexo masculino. Sobre os aspectos gerais que mais causam angústia, frustração ou irritação, as respostas com o maior percentual foram: a rotina de trabalho (52,9%), a falta de reconhecimento (47,1%) e a falta de apoio psicológico (17,6%). **Considerações finais:** O profissional de enfermagem inteirado dos pontos estressores e condições adoecedoras do seu ambiente laboral, consegue atuar como agente de mudanças em si e em sua equipe, identificando fatores que podem levar ao desenvolvimento de agravos físicos e mentais

Palavras-chave: Emergência. Enfermagem. Estresse ocupacional. Saúde mental.

ABSTRACT

Introduction: Responsible for triggering an imbalance in the individual, both physical and/or psychological, stress is today one of the problems that most affects the population around the world, according to the World Health Organization (WHO). When related to work, it can be characterized as occupational stress. Nursing professionals who present themselves as one of the largest working classes may consequently be prone to developing this type of stress. **Objective:** To analyze the prevalence of occupational stress among nursing professionals who work in urgent and emergency services in Bahia. **Methodology:** Field research was carried out, of a descriptive type, using quantitative approaches and a cross-sectional study as approaches, with a form for collecting information. **Results and discussion:** Study characterized by: 28 nurses and 23 nursing technicians, totaling 51 participants. Of these, 33 (64.7%) are female and 18 (35.3%) are male. Regarding the general aspects that cause the most anguish, frustration or irritation, the responses with the highest percentage were: work routine (52.9%), lack of recognition (47.1%) and lack of psychological support (17.6%). **Final considerations:** The nursing professional,

aware of the stressors and sickening conditions of their work environment, is able to act as an agent of change in themselves and in their team, identifying factors that can lead to the development of physical and mental health problems

Keywords: Emergency. Nursing. Mental health. Occupational stress.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	12
2. METODOLOGIA	9
2.1 Tipo de pesquisa	9
2.2 Local e participantes da pesquisa	10
2.3 Instrumentos de pesquisa e Técnicas de Análise	10
2.4 Aspectos éticos	11
3. RESULTADOS E DISCUSSÃO	12
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	16
5. REFERÊNCIAS	18

1. INTRODUÇÃO

O estresse é um problema que afeta mais de 90% da população em todo o mundo, segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS), em 2012. É possível defini-lo como a pressão ou acúmulo de pressões responsável por provocar um desequilíbrio no indivíduo, causado por algum estressor de ordem física ou psicológica (Souza; Silva; Costa, 2018; Bezerra; Silva; Ramos, 2012).

Alguns autores ressaltam que quando essa questão se relaciona ao ambiente e desencadeia um processo em que o indivíduo compreende suas funções laborais como estressoras, ultrapassando sua capacidade de enfrentamento e provocando consequências negativas, caracteriza-se o chamado estresse ocupacional (Paschoal; Tamayd, 2004).

O trabalho assume aqui um papel ambíguo, ao mesmo tempo que se apresenta como responsável por possibilitar crescimento, transformação, reconhecimento e independência pessoal, pode também se tornar um espaço aversivo, causando problemas de insatisfação, desinteresse, apatia e irritação (Batista; Bianchi, 2006). Com essa exposição é possível dizer que o trabalho pode ser tanto fonte de saúde como de adoecimento. E mesmo com vários avanços em tecnologia, a mão de obra intensiva e com um processo de composição hierárquica de domínio entre seus componentes, continua sendo a engrenagem que move o trabalho em saúde (Bezerra; Silva; Ramos, 2012).

Ao considerar as instituições de saúde, os profissionais de enfermagem se configuram como o maior agrupamento dentre as categorias de trabalhadores, no entanto, está ainda continua sendo negligenciada pelos gestores, sem receber a devida atenção e condições de trabalho que promovam qualidade de vida, saúde física e mental (Machado *et al.*, 2017).

Tendo uma carreira centrada no ser humano e nas ações praticadas por ele, estes profissionais estão propensos a um imenso comprometimento, rotatividade de turnos e cobrança por constante aprendizagem. Esses fatores de estresse quando relacionados ao duplo turno de trabalho, para aqueles que além dos deveres da profissão ainda são responsáveis por atividades domésticas, a duração de serviço,

carga horária exaustiva, dentre outros, podem agravar ainda mais a saúde de enfermeiros e técnicos de enfermagem (Bezerra; Silva; Ramos, 2012).

O profissional de enfermagem enfrenta uma verdadeira degradação física, emocional e de estresse, em virtude de estar introduzido em um local que se configura como sendo de sua responsabilidade, em atuação com outros profissionais, o comprometimento com premissas do processo de trabalho e o bem-estar e vida dos pacientes (Bezerra; Silva; Ramos, 2012; Fávero; Migott, 2017).

Os profissionais de saúde, que atuam em urgência e emergência, precisam se preparar diariamente para lidar com situações inesperadas que exigem ações simultâneas, improvisadas e de rápida ação. Portanto, é necessário que eles estejam sempre buscando aprimorar o conhecimento e que sejam cirúrgicos ao dispensarem assistência ao paciente. Assim, lidando constantemente com possíveis óbitos, em que a complexidade dos cuidados exercidos, somada a questões pessoais, tem relação íntima com o desenvolvimento de quadros estressores (Bezerra; Silva; Ramos, 2012).

Por fim, o estresse está entrelaçado à subjetividade, como o indivíduo percebe sua ocorrência, com sua forma de lidar com ela. Isto pode ser apurado, no cenário de urgência e emergência, em que o profissional de enfermagem está exposto a situações desencadeadoras de tensão, medo, sofrimento e morte, podendo provocar o estresse ocupacional (Bezerra; Silva; Ramos, 2012).

Com isso, buscou-se com este estudo alcançar os objetivos de analisar o estresse ocupacional em profissionais de enfermagem atuantes no setor de urgência e emergência e identificar as principais variáveis envolvidas neste processo, conhecendo a rotina laboral desses profissionais e identificando os elementos causadores do problema e descrever a influência do ambiente de trabalho na saúde mental dos mesmos. Assim, foi possível responder o seguinte questionamento: Quais os principais fatores estão envolvidos no desenvolvimento do estresse ocupacional entre os profissionais de enfermagem que atuam nos serviços de urgência e emergência da Bahia?

2. METODOLOGIA

A pesquisa partiu de um desenho não experimental, do tipo transversal. Assim, as variáveis responsáveis por causar o estresse ocupacional foram observadas em um próprio contexto. Para Couto (2011) a pesquisa não experimental é definida como o tipo de estudo que busca observar as variáveis, sem manipulá-las, relacionadas a determinado problema em seu contexto natural e assim buscar descobrir se existe relação entre elas.

Já o estudo transversal foi escolhido aqui devido ao fato de buscar fazer um levantamento das opiniões de determinado grupo em um momento específico. Essas investigações são usadas para determinar o que acontece em tempo real, e assim conseguir resultados de forma rápida e fidedigna e em um curto período de tempo. É o tipo de estudo que busca relacionar causa e efeito, analisar as relações entre fatores de risco, fatores determinantes e quais as possíveis consequências e desfechos desses fatores (Zangirolami-Raimundo; Echeimberg; Leone, 2018).

2.1 Tipo de pesquisa

Realizou-se uma pesquisa de campo, do tipo descritiva. Esse tipo de pesquisa, segundo Selltitz *et al.* (1965 *apud* Oliveira, 2011, p.21) busca descrever de forma mais precisa uma situação ou fenômeno que está em andamento, permitindo uma visão mais ampla de determinada situação e os eventos relacionados a ela.

A análise de dados foi feita a partir de variáveis selecionadas dispostas no formulário on-line aplicado aos profissionais de enfermagem que atuam no setor de urgência e emergência em hospitais do estado da Bahia.

A pesquisa teve como formas de abordagens o quesito quantitativo. Para Richardson (1999) e Mattar (2001) *apud* Oliveira (2011), a pesquisa quantitativa tem como característica principal a quantificação, que vai da coleta de dados ao tratamento deles por meio de técnicas estatísticas, e assim buscando validar as hipóteses levantadas previamente.

2.2 Local e participantes da pesquisa

A pesquisa ocorreu em cinco cidades da Bahia, sendo elas Tanhaçu, Ituaçu, Barra da Estiva, Vitória da Conquista e Salvador. a coleta de dados foi feita de forma *on-line*, onde foi possível abranger uma parcela de profissionais de enfermagem, entre técnicos e enfermeiros, que atuam no setor de urgência e emergência.

2.3 Instrumentos de pesquisa e Técnicas de Análise

A investigação foi realizada por meio da aplicação de um formulário, de forma *on-line*, que teve como base dois questionários para sua elaboração: o primeiro com temática voltada para saúde geral, o Medical Outcomes Short-Form Health Survey (SF-36), validado e traduzido por Ciconelli e colaboradores (1999) e um questionário estruturado sobre aspectos do trabalho, apresentado por Carlotto e Câmara (2007), ambos questionários descritos em um estudo realizado por Martins (2011) – que foi ajustado à necessidade apresentada conforme os objetivos do presente trabalho – estruturado com questões acerca da rotina de trabalho, com o objetivo de entender quais as principais variáveis relacionadas ao estresse ocupacional. O questionário sobre qualidade de vida contou com 36 perguntas e o roteiro de entrevista sobre aspectos do trabalho foi composto por 23 perguntas.

A amostra foi selecionada utilizando a amostragem por conveniência, onde dependeu-se da disponibilidade dos profissionais de enfermagem e, aqueles que se enquadraram nos critérios como: serem do estado da Bahia, maiores de 18 anos, terem concordado e assinado o TCLE, para responder aos questionários, e descartados aqueles que estavam afastados do serviço a mais de três meses, não atuantes no setor de urgência e emergência.

Foi utilizado como recurso tecnológico o Excel para a elaboração de gráficos, tabelas e/ou figuras que permitiu comparar e correlacionar os dados obtidos, ainda, considerando a análise quantitativa das informações obtidas por meio das questões. Ademais, realizou uma análise estatística descritiva, que teve como objetivo descrever os dados levantados.

2.4 Aspectos éticos

Esse estudo foi submetido à aprovação das instituições envolvidas, comprometendo-se a respeitar os aspectos éticos da Resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde que trata das pesquisas envolvendo seres humanos. Foi solicitado a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa Humana da UniFTC, tendo o parecer favorável no dia 31 de outubro de 2023. Para segurança dos entrevistados e entrevistadores foi também aplicado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Nesse sentido, não houve divulgação da identificação dos entrevistados, bem como os participantes da pesquisa foram informados sobre o assunto e os objetivos da pesquisa e sobre os formulários aplicados.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O estresse se caracteriza pela presença de estímulos que provocam desconforto emocional e perturbação do equilíbrio interno. Ao ser relacionado ao trabalho, o estresse se configura como um conglomerado de fenômenos que podem afetar a saúde, provocando respostas diferentes entre os indivíduos (Souza; Silva; Costa, 2018; Bezerra; Silva; Ramos, 2012). Com os dados levantados através dessa pesquisa, respondida por profissionais de algumas cidades da Bahia, tornou-se possível correlacionar o cenário de urgência e emergência e alguns dos significativos fatores estressantes que estão presentes nesse ambiente.

O perfil de profissionais de enfermagem que participaram do presente estudo foi caracterizado por: 28 enfermeiros e 23 técnicos de enfermagem, totalizando 51 participantes. Desses, 33 (64,7%) são do sexo feminino e 18 (35,3%) do sexo masculino. De acordo com o estudo intitulado “Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil”, realizado por Machado *et al.* (2017) em colaboração com o COFEN (Conselho Federal de Enfermagem) e a FIOCRUZ (Fundação Oswaldo Cruz), a equipe de enfermagem é majoritariamente feminina, sendo que 85,1% são mulheres. Ainda, é preciso destacar que por ser uma categoria predominantemente feminina, registra-se a presença de 14,4% de homens.

Ser responsável por pessoas, como no caso dos enfermeiros e dos técnicos, demanda um maior deslocamento de energia dedicado à relação profissional-paciente, aumentando a probabilidade de ocorrência do estresse por conflitos interpessoais (Alves, 2011).

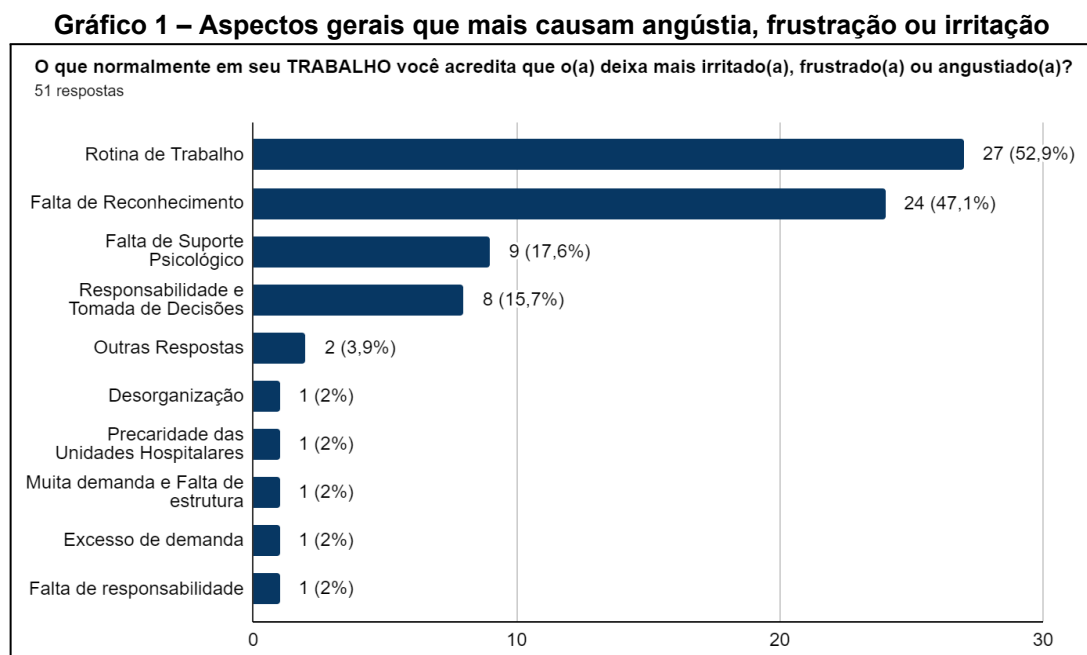
O trabalho do enfermeiro, inserido nas instituições de saúde, é muitas vezes multifacetado, dividido e submetido a uma diversidade de cargos que são geradores de desgaste. Em contrapartida, o trabalho também se constitui em fonte de prazer e satisfação, que são potencializadoras das capacidades humanas, na promoção de saúde e vida (Alves, 2011, p.14).

Como forma de evidenciar essa fala, 41,1% dos entrevistados disseram conseguir entender facilmente aqueles que têm que atender e 59% relataram sentir que exercem influência positiva na vida das pessoas através do seu trabalho. No entanto, questionados sobre o sentimento de culpabilização por parte das pessoas

que têm que atender, somente 29,4% responderam que nunca se sentiram assim, sendo possível notar que a grande maioria, ou seja, 70,6% têm que lidar com esse sentimento.

Esses números nos levou a pesquisar na literatura a possível origem para a divergência entre os dados encontrados nos parágrafos acima, Nas escritas Pinto *et al.*, (2016) parte da culpa atribuída a esses profissionais têm origem nos acompanhantes do paciente devido a vários fatores como o medo, o desconhecimento do ambiente hospitalar e dos procedimentos são efetuados, desencadeando nos familiares questionamentos a respeito da qualidade do serviço, provocando no profissional sentimentos negativos e os expõem a uma situação estressantes.

Sobre os aspectos gerais que mais causam angústia, frustração ou irritação nos profissionais que responderam a pesquisa (gráfico 1), as respostas com o maior percentual foram: a rotina de trabalho (52,9%), a falta de reconhecimento (47,1%) e a falta de apoio psicológico (17,6%).



Fonte: Autoria própria.

Ao destrinchar esses três pontos, é necessário dar a cada um sua devida atenção. Inicialmente, quando se fala da rotina de trabalho, esse pode ser um dos

principais desencadeadores do estresse e de outras questões relacionadas. Segundo dados obtidos na pesquisa, 37% disseram sentir diariamente que estão trabalhando demais e 51% responderam que têm esse sentimento algumas vezes no mês. Para Bezerra, Silva e Ramos (2012) a necessidade de cumprir uma carga horária superior significa elevada produtividade e maior demanda de energia, podendo acarretar em grandes prejuízos para a qualidade de vida desse trabalhador, sendo que:

Este resultado é corroborado pela afirmação de que o tempo dispensado à atividade é, em si, um elemento estressor. Neste contexto, a elevada carga horária acarreta desequilíbrios na saúde física e mental do profissional, desencadeando dificuldades para lidar com as situações do cotidiano em seu ambiente de trabalho, exigindo maior capacidade de direcionar a atenção para a tomada de decisão e resolução de problemas no exercício de suas funções (Bezerra, Silva, Ramos, 2012, p. 155).

Essa questão se agrava ao relacionarmos o segundo tópico que trata sobre a falta de reconhecimento. Mesmo sendo o maior agrupamento entre a classe trabalhadora, os profissionais de enfermagem ainda sofrem com a baixa remuneração e a luta pelo pagamento de um piso salarial adequado. Consequentemente, surge a necessidade de muitos ingressarem em múltiplos vínculos empregatícios, condição facilitada pela existência de regimes em turnos, provocando assim, sobrecarga de horas de trabalho e potencializando a ação de agentes que, sozinhos, interferem negativamente nas suas integridades, facilitando o surgimento de transtornos físicos e mentais (Santos, 2022). Enfatizando a ideia de Santos:

É possível considerar que os trabalhadores de enfermagem não escolheram por prazer vivenciar uma dupla jornada de trabalho, mas sentem-se forçados a adotá-la, diante dos baixos salários que recebem, da desvalorização da categoria e dos vínculos de trabalhos precários, temporários. Esse contexto de precarização do trabalho atende às necessidades do capitalismo e reflete a influência do modelo neoliberal sobre o processo de trabalho da enfermagem (Soares *et al.*, 2021, p. 5).

E por fim, a problemática em torno da saúde mental desses profissionais na visão de Santos (2022) é fonte de neutralidade e negligência por parte das instituições e do poder público, havendo poucas iniciativas para promoção e

recuperação da saúde psicológica dos mesmos, o que acarreta, assim, prejuízos no seu desempenho. E dessa forma:

Essa realidade pode levar ao entendimento de que existe relutância por parte do poder público, dos administradores das empresas e dos próprios trabalhadores em considerar os contextos macros e microsociais e assumir que o trabalho pode agir negativamente sobre o psiquismo de quem trabalha [...] As relações no ambiente de trabalho envolvem, os profissionais, os equipamentos, os pacientes críticos e seus familiares podendo surgir vulnerabilidades decorrentes dessas interações, e a falta de apoio psicológico vindo das instituições se torna um fator decisivo no desenvolvimento de transtornos psicológicos (Santos, 2022, p.38).

As três complicações elucidadas anteriormente podem levar ao esgotamento emocional desses profissionais. A atual pesquisa trouxe que 33% dos entrevistados se sentem desgastados, 37% alegaram se sentir esgotamento ao final da jornada de trabalho, ambos diariamente, apenas 19,6% nunca se decepcionaram com o trabalho e 41,1% se sentem cansados na maior parte do tempo.

Esse tipo de esgotamento é um dos pontos de identificação da exaustão emocional (gráfico 2), fator relevante para o desenvolvimento de Burnout. Sua manifestação pode ser física, psíquica ou uma relação entre ambas, onde os trabalhadores já não conseguem fazer um atendimento adequado de seu cliente (Alves, 2011).

Gráfico 2 – Identificação da exaustão emocional



Fonte: Autoria própria.

Outro fator agravante para o desencadeamento da síndrome de Burnout, definida pelo Ministério da Saúde no glossário virtual “Saúde de A a Z”, como distúrbio emocional composta por sintomas de exaustão extrema, estresse e esgotamento, é a despersonalização, ou seja, quando o profissional passa a lidar com colegas e pacientes de uma forma enrijecida, insensível aos problemas das demais pessoas, prevalecendo o cinismo e a dissimulação afetiva (Alves, 2011; Brasil, [s.d.]).

Apresentando resultados inconclusivos sobre esse problema, dados levantados nessa pesquisa demonstraram que 68,6 % se importam sim com quem atende e com os demais colegas de trabalho e 66,7% não veem as pessoas como objeto, "coisificando". No entanto, 66,6% das pessoas sentem que o trabalho têm lhe enrijecido emocionalmente e 52,9% disseram ter se tornado mais duros com as pessoas após ingressarem no trabalho.

Com esse cenário, a pesquisa mostrou que apesar de identificar alguns fatores que podem ser agravantes para o desenvolvimento da síndrome relatada, não foi possível constatar a presença da mesma entre aqueles que responderam ao questionário. Contudo estes pontos servem como sinais de alerta e merecem a devida atenção a fim de prevenir o desenvolvimento e agravo da doença.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse estudo possibilitou identificar que os fatores de estresse ocupacional mais destacados pelos profissionais de enfermagem que atuam no setor de urgência e emergência são: a rotina de trabalho, a falta de reconhecimento e a falta de apoio psicológico.

Diante disso, é possível concluir que para esses trabalhadores exercerem suas atividades de maneira satisfatória, é preciso que o ambiente de trabalho forneça subsídios adequados para o desenvolvimento profissional e da empatia ao cuidar, observando que esses profissionais lidam diariamente com pacientes com diversos agravos.

Uma dificuldade vivenciada durante a realização da pesquisa foi a incerteza da disponibilidade dos profissionais, mesmo sendo um questionário enviado de forma online, o contato com os mesmos foi difícil. Outras duas limitações encontradas se devem ao fato do pouco tempo disponível para a realização da pesquisa e de que existe uma quantidade limitada de estudos atuais associados ao estresse ocupacional em técnicos e enfermeiros que atuam no cenário de urgência e emergência.

Contudo, foi possível constatar que apesar das dificuldades do local de trabalho e da profissão, os entrevistados, em sua maioria, demonstraram conseguir se adaptar às situações adversas e prestar uma assistência de qualidade ao paciente, constituindo uma fonte de prazer e satisfação e proporcionando o cuidado com a saúde. Porém, o reconhecimento dos fatores estressantes pelos profissionais é fundamental para a elaboração de estratégias e prevenção dos fatores aversivos no seu ambiente de trabalho.

O profissional de enfermagem inteirado dos pontos estressores e condições adoecedoras do seu ambiente laboral, consegue atuar como agente de mudanças em si e em sua equipe, identificando fatores que podem levar ao desenvolvimento de agravos físicos e mentais. Como guia, pode mover-se em prol da elaboração e reivindicação das melhorias para o seu ambiente de trabalho, executando um papel essencial no restabelecimento e prevenção contra agravos do estresse ocupacional.

Por fim, sabemos que erradicar o estresse é algo impossível, no entanto, espera-se que com esse estudo sejam realizadas novas pesquisas e investigações com o intuito de colaborar para com a criação de programas institucionais de prevenção ao estresse ocupacional, a fim de promover a satisfação e o bem-estar, deixando esse de ser um problema negligenciado.

5. REFERÊNCIAS

- ALVES, Ana Carolina Guerra Corrêa. **Estresse e o trabalho do enfermeiro: uma revisão bibliográfica**. 2011. Monografia (Especialização em Gestão de Sistemas e Serviços de Saúde) – Departamento de Saúde Coletiva, Centro de Pesquisas Aggeu Magalhães, Fundação Oswaldo Cruz, Recife, 2011.
- BATISTA, Karla de Melo; BIANCHI, Estela Regina Ferraz. Estresse do enfermeiro em unidade de emergência. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, v. 14, n. 4, p. 534–539, jul. 2006.
- BEZERRA, Francimar Nipo; SILVA, Telma Marques da; RAMOS, Vânia. Pinheiro. Estresse ocupacional dos enfermeiros de urgência e emergência: revisão Integrativa da literatura. **Acta Paulista de Enfermagem**, Recife, v. 25, n. spe2, p. 151–156, 2012.
- BRASIL. Ministério da Saúde. **Síndrome de Burnout**. [s.d.]. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-de-a-a-z/s/sindrome-de-burnout>. Acesso em: 20 out. 2023.
- COUTO, Aline. Método Experimental e Método Não-Experimental. **Portal comporte-se**. [S.], 2011. Disponível em: <https://comportese.com/2011/05/29/metodo-experimental-e-metodo-nao-experimenta/>. Acesso em: 20 abr. 2023.
- FÁVERO, Bruna; MIGOTT, Ana Maria Bellani. Atividade laboral do enfermeiro e a relação com a síndrome de burnout. **Enfermagem Brasil**, Porto Alegre, v. 16, n. 6, p. 391-402, 2017.
- OLIVEIRA, Maxwell Ferreira de. **Metodologia científica: um manual para a realização de pesquisas em Administração**. Catalão: UFG, 2011. 72p.
- MACHADO, Maria Helena (Coord.) *et al.* **Perfil da enfermagem no Brasil: relatório final**: Brasil. Rio de Janeiro: NERHUS - DAPS - ENSP/Fiocruz, 2017. v. 1, 750 p.
- MARTINS, Leonardo Fernandes. **Estresse ocupacional e esgotamento profissional entre profissionais da atenção primária à saúde**. 2011. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2011.
- PASCHOAL, Tatiane; TAMAYO, Álvaro. Validação da escala de estresse no trabalho. **Estudos de Psicologia (Natal)**, Natal, v. 9, n. 1, p. 45–52, jan./abr. 2004.
- PINTO, Anna Patricia Cavalcante de Moraes *et al.*. Estresse no cotidiano dos profissionais de enfermagem: reflexos da rotina laboral hospitalar. **Revista de Enfermagem da UFSM**, [S. l.], v. 6, n. 4, p. 548–558, 2017.

SANTOS, Valterlany de Alencar. **Transtornos mentais relacionados ao trabalho de enfermagem: uma revisão da literatura**. 2022. Trabalho de conclusão de curso (Curso de Enfermagem) – Escola de Ciências Sociais e da Saúde, Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2022.

SOARES, Samira Silva Santos *et al.* Dupla jornada de trabalho na enfermagem: dificuldades enfrentadas no mercado de trabalho e cotidiano laboral. **Escola Anna Nery**, v. 25, n. 3, 2021.

SOUZA, Rafaella Cristina; SILVA, Silmar Maria; COSTA, Maria Lucia Alves de Sousa. Estresse ocupacional no ambiente hospitalar: revisão das estratégias de enfrentamento dos trabalhadores de Enfermagem. **Rev Bras Med Trab**, v. 16, n. 4, p. 493–502, 2018.

VERSA, Gelena Lucinéia Gomes da Silva *et al.* Estresse ocupacional: avaliação de enfermeiros intensivistas que atuam no período noturno. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, Porto Alegre, v. 33, n. 2, p. 78–85, jun. 2012.

ZANGIROLAMI-RAIMUNDO, Juliana; ECHEIMBERG, Jorge de Oliveira; LEONE, Claudio. Tópicos de metodologia de pesquisa: Estudos de corte transversal. **J. Hum. Growth Dev**, São Paulo, v. 28, n. 3, p. 356-360, 2018.